

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESTUDOS SOBRE O TURF.

QUEIRÓS, José Martins de

Ano: 1890 | Número: 7

Como citar este documento:

QUEIRÓS, José Martins de, Estudos sobre o turf. *Revista de Guimarães*, 7 (1) Jan.-Mar. 1890, p. 5-17.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ESTUDOS SOBRE O *TURF*

(Continuado do volume anterior, pag. 181)

TERCEIRA PARTE

Training

III

Nós temos até aqui fallado nos cavallos cujo ensino offerece algumas difficuldades, por isso que para as corridas se não devem escolher animaes de mau character ou d'uma organização defeituosa, que são, como todos sabem, as duas causas primordiaes de todas as resistencias; mas como nem sempre se podem obter animaes perfectos, ou que se não cheguem a *resabiar* pela impericia dos cavalleiros, julgamos conveniente, ao terminar este capitulo, expôr o modo de remediar as principaes defezas que os cavallos, ou por mal configurados, ou por falta de tacto e saber dos cavalleiros, apresentam, tornando-se difficeis e até perigosos.

Entre estes mencionaremos principalmente os cavallos que se *encabritam*, que se *desboccam*, que *cabritam*, que *atiram*, que se *pegam*, que se *acuam*, etc. São estas as defezas mais frequentes e perigosas, e que a todo o custo é pre-

ciso fazer desaparecer, pois do contrario, além do risco que constantemente correm os cavalleiros, não se pôde contar com os cavallos em occasião alguma.

Para se corrigirem estes e outros quaesquer defeitos, e por consequente os cavallos que os apresentam, é preciso procurar conhecer primeiramente qual a causa das resistencias; porque tentar corrigir do mesmo modo tanto o animal que se *encabrita* por medo, fraqueza ou maus aprumos, como aquelle que se entrega a esta defeza por mera ignorancia ou por capricho, seria não só promover a ruina das organizações ainda as mais bem formadas, se não dar uma prova cabal da mais crassa ignorancia.

E se em verdade se não pôde ter a pretensão de annullar completamente as resistencias que provêm de uma organização defeituosa, que se saiba, ao menos, que nenhum cavallo se defende sériamente, senão quando, por desobediencia ás *ajudas* do cavalleiro, consegue tomar posições favoraveis ás defezas.

Um cavallo não poderá, por exemplo, *encabritar-se*, ou cahir no defeito opposto dando coices, sem que por meio de uma brusca contracção muscular chegue a concentrar todas as suas forças — no primeiro caso, sobre a garupa; no segundo, sobre as espadoas. Ora se o cavalleiro, por um excesso de acção das pernas ou da mão, chega a destruir, ou a evitar, o que é preferivel, aquellas duas posições, dando no primeiro caso uma boa sahida ao cavallo com a *ajuda* das pernas, esporas ou chicote, e levantando-lhe no segundo a cabeça bem para cima por meio das redeas do bridão, claro está que nenhuma d'aquellas duas defezas poderá ter logar.

A grande questão, e não só com relação ás duas defezas, que acabamos de apresentar, mas com relação a todas as outras de que a imaginação dos cavallos é muito fertil, e qualquer que seja a causa que as motive, a grande questão, dizemos, é collocar os animaes em posições contrarias áquellas em que elles se apoiam para melhor poderem resistir e defender-se. Se o cavalleiro dispõe de tacto, de saber e de pratica sufficiente, e se o animal se acha em condições de poder obedecer-lhe, poucas defezas poderão apresentar tal gravidade, que não possam ser mais ou menos destruidas.

Cavallos ha effectivamente tão *resabiados* e tão destros em defender-se que, por maior habilidade de que disponha um cavalleiro, não ha muitas vezes tempo de prevenir-se uma surpresa. Com esta classe de animaes é preciso ter-se sempre a

maxima cautela e não ignorar que aquelles, que são dados a um determinado vicio, o repetem seguidamente, a curtos intervallos, e tantas quantas vezes lhe fôr necessario para se livrarem dos cavalleiros.

Todo o cavalleiro pôde ser surpreendido, mas o que nenhum deve é capitular nem deixar de se prevenir contra as reincidencias, a que os cavallos *resabiados* se entregam, logo que os deixem fazer a sua vontade e presintam medo por parte de quem os monta.

Vejamos entretanto os meios que a pratica nos tem feito conhecer como dando magnificos resultados, não só para evitar, mas para combater as defezas de que vimos fallando, e a que se entregam os cavallos—uns pela sua má organização, outros pelo seu mau ensino, outros, emfim, pela fraca escóla ou brutalidade dos cavalleiros. São estas as principaes causas que originam as resistencias, que pela continuação degeneram mais tarde em defezas, ou em *resaibos* para fallarmos technicamente.

Comecemos pelos animaes que se *encabritam*, e que, quanto a nós, são de todos não só os mais difficéis de corrigir, com especialidade quando estão habituados a sahir-se bem, mas os mais perigosos, por isso que um pequeno descuido, uma leve tensão de redeas, uma ligeira inclinação para traz ou para os lados, pôde levar o cavalleiro a voltal-os sobre si.

Os cavallos que se *encabritam* são, como todos sabem, aquelles que se levantam a prumo sobre as pernas. Para evitar esta defeza, o que vale mais que ter que a combater, deverá o cavalleiro, logo que presinta no seu cavallo a intenção de empinar-se, cerrar-lhe immediatamente as pernas bem atraz, dando-lhe ao mesmo tempo a mão, bem como um bom par de esporadas ou duas chicotadas, o que se torna preferivel, para o fazer avivar o andamento se vai em marcha, ou para o mobilisar se acaso está parado. Devemos advertir que, á excepção da defeza que leva os cavallos a *desboccarem-se*, todas as outras se tornam menos graves á medida que os animaes se põem em movimento.

Em marcha nenhum cavallo se *encabrita*, sem diminuir o andamento, sem se deter, emfim sem concentrar as forças e o peso sobre a garupa, e sem aproximar as pernas das mãos. Quando parados tambem se não empinam sem que se opere uma rapida e brusca concentração de todas as suas forças sobre o terço posterior, e sem que este receba o peso da ante-

mão em consequencia de uma rapida aproximação das quatro pernas, em que os cascos trazeiros chegam quasi que a tocar os cascos dianteiros. Ora sendo estas reacções mais facéis de sentir quando os animaes estão em movimento, e por consequente de evitar, claro está que a primeira coisa que um cavalleiro tem a fazer, ao presentir o *empino*, é mobilisar os animaes, ou avivar-lhes os andamentos.

Quando um cavallo, muito longe de corresponder ás *ajudas* por um movimento progressivo, resiste á sua acção, se detem e *estaca*, dando signaes evidentes de querer *ir para o ar*, deve o cavalleiro servir-se immediatamente quer das re-deas do bridão, para determinar por tracções successivas, e nunca por uma força contínua, uma flexão lateral do pescoço de fórma a dobral-o em dois, quer das *piroetas ao revez* promovidas pela pressão ou ataque das pernas, esporas ou chicote do mesmo lado.

As flexões lateraes do pescoço neutralisam o refluxo das forças e do peso sobre a garupa e impedem, pelo *bico* que fazem dar aos cavallos, que a espinha dorsal se encurve sufficientemente para que as pernas possam aproximar-se das mãos e se endireitem com todo o peso do corpo. As *piroetas ao revez*, que em tal caso se tornam em piroetas de punição, impedem por seu lado que o animal se *acue* e fixe as pernas para mais facilmente se empinar.

Na maior parte dos casos bastarão estes meios para impedir que um cavallo se *encabrite*, e a sua continuação poderá fazer-lhe perder de todo tão terrivel mania. Mas quando isto não bastar, e o animal se obstine em levantar-se, ou quando mesmo sem prévia resistencia fôr tão rapido nos seus movimentos que surprehenda o cavalleiro atirando-se para o ar, deverá então observar-se rigorosamente o que vai seguir-se — sob pena de se não evitarem muitas d'essas desgraças, que a cada passo succedem a quem é pouco experiente.

Suppondo, portanto, que o cavalleiro não pôde prevenir nem evitar o *empino*, e que se encontra na pouco invejavel situação em que o colloca um cavallo a prumo, a primeira coisa que tem a fazer, e sem perder um só momento, é lançar a mão esquerda, que naturalmente segura as re-deas, ao alto da crineira, inclinar-se bem para diante e esperar, com os estribos pouco calcados e sem castigar o animal, que este se decida a desempinar-se. Então, mas só então, é que o cavalleiro lhe dará uma valentissima chicotada sobre o flanco direito e bem atraz, tendo préviamente o cuidado de largar as

criaas e de lhe *dar a mão* para que, castigado por traz e desamparado por assim dizer por diante, o animal possa *arrancar* francamente para a frente.

Castigados por esta fôrma e a tempo, quer dizer, com toda a energia e precisamente no momento em que forem a apoiar as mãos em terra, raros serão os animaes que voltem de novo a empinar-se sem terem dado meia duzia de galões, que os cavalleiros regularisarão quanto poderem, tornando-os de ascensionaes em progressivos, e de modo a declinarem n'um galope franco e regular.

Quando o cavalleiro não conseguir que o seu cavallo *arranque* francamente ao ataque do chicote, signal evidente de que as forças e o peso não foram desalojados da garupa — e evidentissimo de que vai de novo *encabritar-se*, — pôde contar que o animal se porá immediatamente em pé e tantas quantas vezes lhe aprouver. N'estas circumstancias, só o ensino dentro d'um picadeiro, e em que as *ajudas* e o tacto do cavalleiro devem levar o animal a obedecer e a perder os seus *resaios*, é que poderá corrigir não só esta como todas as defezas que provêm, quer de uma configuração defeituosa, capricho ou mau caracter dos cavallos, quer do pouco tino e saber das pessoas que os montam.

Prescrevemos ao cavalleiro, quando o seu cavallo estiver a prumo, não só agarrar de preferencia um punhado de crinas com a mão das redeas, como abster-se de lhe applicar qualquer especie de castigo. Primeiro, porque a mão esquerda, uma vez agarrada ás crinas, não poderá de fôrma alguma puxar as redeas em qualquer sentido e não dará por isso ao animal o menor pretexto de cahir. Emquanto que, se o cavalleiro se serve da mão direita para se segurar ás crinas, pôde, mesmo sem o sentir, dar com a esquerda um pequeno puxão ás redeas — o bastante — para desequilibrar o cavallo e fazel-o cahir sobre si. Demais, ficando a mão direita livre, poderá servir-se facilmente do chicote quando o animal fôr para apoiar as mãos em terra.

Em segundo logar, porque o castigo, a que o animal não pôde ser indifferente em tão instavel equilibrio, fazendo oscillar a vertical abaixada do centro de gravidade, commum ao cavallo e cavalleiro, para fôra da pequena base formada apenas pela linha que une os pés trazeiros, dará origem a uma queda, tanto mais perigosa e desamparada para o homem, quanto maior fôr o impulso que o castigo communicar ao animal. Por isso não nos cansaremos de repetir que, em

pleno *empino*, não só se não deve castigar um cavallo, como sómente a mão das redeas, que supponho ser a esquerda, será aquella de que o cavalleiro se deverá servir para se agarrar ás crinas.

Os galopes largos, avivados ainda pelas esporas e chicote, as descidas por terrenos inclinados e, emfim, todos os exercicios, que possam concorrer para sobrecarregar um pouco a antemão do animal que tem por habito *encabritar-se*, são convenientissimos e ajudam a vencer completamente a perigosissima defeza de que acabamos de fallar.

Quanto aos cavallos que fogem ou se *desboccam*, quasi sempre mais pela aspereza da mão dos cavalleiros do que propriamente por maldade e capricho, ou por uma configuração baixa da antemão, o que favorece um pouco esta defeza, tambem podem ser completamente corrigidos, quer por meio de exercicios que façam refluir sobre a garupa uma parte do peso das espadoas, quer forçando-os a correr a todo o escape e muito mais do que na sua vontade lhe bastaria para se livrarem dos cavalleiros.

Os exercicios, como muito bem se poderá imaginar, serão dados dentro de um picadeiro, e constarão de *piroetas ordinarias*, isto é, sobre as pernas, muito recuar e flexões contrarias á posição em que estes animaes collocam a cabeça e pescoço para fugirem — baixas para os animaes que fogem *despapados*, altas para aquelles que se *desboccam encapotados*.

É claro que só quando o cavalleiro fôr apanhado de surpresa, e tiver adiante de si um terreno espaçoso e proprio para forçar um cavallo *desbocado* a correr a todo a velocidade, é que o segundo correctivo, que denominaremos correctivo do mal pelo mal, poderá ter logar. Ainda assim não aconselharemos que se faça uso d'este meio para corrigir um cavallo que se *desbocca*, ou que foge como vulgarmente se diz com o freio nos dentes, porque o achamos tanto mais perigoso, quanto é certo que os animaes, que assim se defendem, correm á tóa, sem governo e perfeitamente desnor-teados.

Mas quando não houver outro remedio, e se tiverem esgotado os meios preventivos de fôrma a não estorvar o animal de *arrancar furioso* e com uma velocidade e valentia impossiveis de dominar, e o terreno se prestar para uma boa tarefa *a toda a brida*, forçada ainda por bons ataques de espora e chicote, nenhum outro correctivo se lhe pôde comparar, pois

quasi sempre, e de vez, tira aos animaes a vontade de voltarem a fugir com os cavalleiros.

Quanto aos meios preventivos, e de que se deverá lançar immediatamente mão para sobrecarregar a garupa e distrahir os cavallos de tão mau intento, o que muitas vezes se consegue no principio da corrida e quando a velocidade ainda não é grande, podemos apresentar como mais efficazes — a *volta ao revéz*, de modo que o animal vire a frente á rectaguarda, o *cerrilhar* e o *dar e tomar* das redeas, etc. Os exercicios dentro do picadeiro são em verdade mais academicos, menos fatigantes e perigosos tanto para o homem como para o animal, mas não são tão simples nem em casos excepcionaes dão resultados tão promptos como uma boa estafa á *mão baixa*, provocada contra a vontade do cavallo por um bom par de esporadas e valentes chicotadas.

O uso do peitoral e gamarra tambem dá resultados regulares, concorrendo para corrigir os cavallos que fogem *despaçados*; mas outro tanto não acontece com os animaes que *mettem o bico encapotados*. Para estes a gamarra é mais um auxiliar do seu *resaibo*, porque os faz ainda encurvar mais o pescoço, podendo por isso resistir melhor á mão do cavalleiro.

Ao acabarmos de fallar na defeza de que nos estamos occupando, não podemos deixar de estranhar que ainda haja cavalleiros, que imaginem poder parar um cavallo *fugido*, simplesmente pela tensão forte e constante das redeas. Mal avisados andam aquelles que assim pensam e procedem, pois muito longe de reprimirem favorecem a defeza, visto que não só proporcionam ao cavallo um bom ponto de apoio, para poder forçar o galope sem receio de cahir, mas porque a pressão constante do *boccado* sobre as *barras* as adormenta e insensibilisa a ponto de não sentirem a mão do cavalleiro.

Em reforço ao que acabamos de dizer vem a tactica dos *jockeys* de hippodromo, que jámais se aventuram a disputar seriamente uma corrida sem levarem os seus cavallos bem agarrados. É que elles sabem, e muito bem, que os cavallos precisam de apoiar-se fortemente na mão do cavalleiro, para poderem desenvolver toda a velocidade de que são susceptiveis.

Demais, para que um cavallo possa ser dominado na carreira, é preciso que o cavalleiro lhe faça aproximar as pernas das mãos, para que estas se alliviem de um excesso de peso, que as sobrecarrega e que concorre para augmentar a veloci-

dade do andamento; ora a tensão constante das redeas e por conseguinte a pressão do *boccado*, sobre o qual o animal se encosta e estende quanto pôde, além dos inconvenientes já citados, oppõe-se á aproximação das quatro pernas, e, não deixando por isso que se produza o refluxo do peso sobre a garupa, tira ao cavalleiro todo o dominio sobre o cavallo.

De modo que, o que nos parece mais razoavel para abrandar a impetuosidade de um cavallo *desboccado*, ou para o fazer parar na carreira, é *dar, tomar e cerrilhar* alternadamente as redeas, sempre de harmonia com a pressão das pernas e de alguns ligeiros ataques de espora, dados bem atraz das cilhas.

A acção das redeas, assim alternadas de momento a momento, muito longe de fazer apoiar o *boccado* sobre as *barras* de uma maneira continua, o que lhes paralytaria a circulação do sangue tornando-as insensíveis, fal-o apoiar e desapoiar alternadamente, de modo que a bocca do animal conserva a frescura e sensibilidade necessarias para obedecer á mão do cavalleiro. A pressão ou os ataques das pernas e esporas, por seu lado e sempre em harmonia com a acção das redeas e sensibilidade dos flancos do animal, determinando a aproximação das quatro pernas e por conseguinte o recuo das forças sobre a garupa, concorrem tambem para diminuir a violencia do galope ou para o sustar inteiramente.

Ha ainda um meio de fazer parar um cavallo na carreira, que deve restar ao cavalleiro como ultimo recurso, e que nos tem dado por vezes os melhores resultados. Consiste em atacar os cavallos, *sécca* e rapidamente, com um par de esporadas — logo atraz das cilhas e sobre a parte correspondente ao diaphragma — e cujo effeito é contrahir este musculo, que fazendo a seu turno diminuir a cavidade thoracica, expellir o ar dos pulmões e afinal encolher todo o organismo, força o animal a parar quasi de repente.

Pelo que respeita aos cavallos que se entregam á defeza de *cabritarem*, isto é, que saltam no mesmo terreno ou para os lados com os lombos duros e de cabeça para baixo, como fazem os cabritos, o que pôde ser proveniente da ociosidade, manha ou ainda da *congocha* que lhe causam os arreios, o mais prudente será montal-os depois de lhes ter feito baixar os rins por algumas voltas á guia. Os passeios á mão e o recuar podem de algum modo substituir estes exercicios, e por isso se o cavalleiro quizer, ou não tiver possibilidade de fazer voltear ao peão um cavallo dado a estas resistencias, poderá

como prevenção e antes de montar, mandal-o passear á redea ou leval-o a *tirar atraz* durante alguns segundos.

Mas quando se é surprehendido sobre a sella por um bom par d'estes corcovos, e os cavallos com esta manha não se contentam em dar um nem dois, mas quantos lhe sejam necessarios para sacudirem de si os cavalleiros, o melhor que ha a fazer é unir-se uma pessoa bem ao animal, procurando não só acompanhal-o com a flexibilidade de rins em todos os seus movimentos, mas dar-lhe duas boas chicotadas, para o fazer seguir para diante, levantando-lhe ao mesmo tempo a cabeça bem para cima com o *cerrilhar* do bridão.

Se o animal resiste, e se obstina em saltar de través, é preciso então segural-o pela tracção da redea direita e pressão da perna do mesmo lado, conjuntamente com a redea contraria apoiada contra o pescoço, se acaso os saltos têm logar sobre a esquerda, ou *vice-versa*, se são feitos sobre a direita. Para reprimir o cavallo que não obedece á acção das redeas, continuando a saltar de lado, é forçoso empregar-se vigorosamente o chicote, quer sobre a espadao quer sobre as ventas, e de modo a impedil-o de realisar o seu intento.

Quando depois d'estes galões, a que só resiste o *bom calção*, toma o cavallo o expediente de se atirar em bruscas *lançadas* para a frente, a fôrma de uma pessoa se aguentar sem ir a terra e com tal ou qual probabilidade de combater esta defeza, é apumar-se sobre a sella, seguir e secundar os movimentos alternativos da antemão e postmão, inclinando-se para diante quando o animal começa o *salto*, e para traz quando o termina. Emfim, o sangue frio, que permite *dar e tomar* as redeas e empregar o chicote convenientemente, e a flexão de rins, que dá a principal firmeza a cavallo, são qualidades indispensaveis para que um cavalleiro possa vencer estas defezas. Aos cavallos que têm *congocha*, ou que são propensos ás cabritadas, não é conveniente apertar-lhes de mais as cilhas.

Os cavallos que atiram fazem-no de duas maneiras — ou com uma só perna, ou com as duas ao mesmo tempo. No primeiro caso diz-se que atiram á espora e no segundo que *jogam de garupa*.

A primeira d'estas defezas, que se torna mais desagradavel do que perigosa, e que procede quasi sempre dos cavallos terem sido espicçados, corrige-se ordinariamente com algumas chicotadas dadas no flanco do mesmo lado da pernada, e no momento em que o animal dirige o coice sobre a espora

do cavalleiro. As flexões lateraes do pescoço, feitas tambem para o mesmo lado e na occasião em que o cavallo atira, concorrem assazmente para se pôr termo á defeza.

Quando os cavallos *jogam de garupa*, o que nunca poderão fazer de uma maneira accentuada, sem baixarem a cabeça e sem diminuirem o andamento ou pararem inteiramente, para melhor concentrar o peso sobre as espadoas e disparar os coices, o seu melhor correctivo consiste no *cerrilhar* do bridão, nos toques ascendentes, progressivos e vigorosos das redeas, no estalo de lingua e por ultimo nas chicotadas. O chicote empregado em volta das espadoas e do pescoço coadjuva a acção das redeas e concorre para levantar a cabeça do animal, dado sobre os flancos fal-o sahir para diante. O estalo de lingua aviva e anima sem castigar physicamente.

Com os cavallos que são propensos a escoucinhar, principalmente se o defeito lhes provém do hysterismo, de um temperamento irritavel ou nervoso, da sensibilidade dos rins, etc., nunca um cavalleiro deverá fazer uso das esporas, pelo menos emquanto que não soffrerem sem resistencia o seu contacto. Esta classe de cavallos precisa ser tratada com a maxima cautela e sem aspreza, fazendo por habitual-os primeiramente á pressão das pernas e tacões desprovidos de esporas até que possam consentir estas ultimas *ajudas* sem mostrarem impaciencia.

Quando finalmente um cavallo, para resistir ao cavalleiro, *estaca* e se *acuam*, defezas que quasi sempre se apresentam juntas, pois raro é o animal que *se pega* sem acabar por recuar obstinadamente, é preciso ser corrigido — no primeiro caso — pelas *piroetas ao revez* e por uma boa chicotada sobre o flanco ao terminar o movimento rotatorio, para que se resolva a sahir para diante. O estalo de lingua e a voz dão ordinariamente resultados superiores aos que se tiram da pressão das pernas e ataques das esporas, que confirmam os animaes nos seus *resaibos* quando á sua acção não estão bem habituados, por isso ao cavalleiro cumpre empregar de preferencia uns ou outros meios. Cavallos ha que se pegam ao sentirem as pernas ou as esporas, e que deixam de o fazer e avançam francamente, desde que o cavalleiro lhe dá a mão e lhe desune de todo as pernas.

No segundo caso, isto é, quando os animaes depois de pegados *se acuam*, forçando o recuar e com elle as pernas do cavalleiro, ou que se atiram sobre ellas de través — uma especie de ladear desordenado — ha dois meios de os fazer en-

trar na ordem e de lhes vencer os seus *resaibos*. O primeiro consiste em empregar os processos de que vimos de fallar e, como complemento, os galopes vivos, as descidas por terrenos inclinados e todos os exercicios tendentes a deslocar da garupa um excesso de peso, que juntamente com o aborrecimento ao trabalho leva os animaes a forçarem as pernas dos cavalleiros.

O segundo — um outro correctivo do mal pelo mal — e que, quando ha espaço, tambem costuma dar bons resultados, é coadjuvar os animaes na sua propria defeza, fazendo-os recuar ou ladear contra a sua vontade e por mais tempo do que desejariam. Mas para que este meio dê resultado é todavia preciso que o cavalleiro continue a acção das ajudas, que forçam o movimento de recuo ou lateral, ainda mesmo que presinta por parte do animal, que se defende, vontade de submeter-se, fazendo por marchar para a frente. Só depois de algumas tentativas em que o animal mostre claramente que, enfastiado da defeza que iniciou e que o cavalleiro coadjuvou, quer marchar ao passo, trote e mesmo a galope, é que se lhe deverá dar a mão fallando-lhe e afagando-o para que reconheça que as caricias e os afagos são o premio da sua obediencia.

A repetição d'este correctivo acaba de ordinario por tirar aos cavallos a mania de se *acuarem*, a não ser que tanto esta como a defeza precedente tenham por principal origem algum defeito de gravidade, como uma maluqueira por exemplo, porque então pouco se poderá fazer sem que primeiro se debelle a causa que as motivou.

O chambrié manejado por quem saiba é uma excellente *ajuda* para combater, não só estas duas ultimas defezas, mas todas aquellas que levam os cavallos a resistir ás pernas do cavalleiro; por isso póde e deve mesmo recorrer-se a este meio, quando todos os outros se tiverem esgotado.

Além das defezas que temos apresentado, e que consideramos serem as mais frequentes e perigosas, e por isso aquellas que se torna necessario saber debellar de preferencia, ha muitas outras de que os cavallos se servem para resistir aos cavalleiros. Como porém todas ellas se podem corrigir, e vencer mesmo completamente, por uma boa educação, é a esta que se deve recorrer para tornar os animaes bem obedientes ás *ajudas*.

As organizações defeituosas tambem aproveitam com o ensino, porque, se por exemplo se não póde dar uns bons olhos a um animal que tem fraca vista, o que o leva a espantar-se

e a fugir d'um qualquer objecto que encontre, pôde em certo modo minorar-se este defeito, tornando-o obediente a ponto de o fazer aproximar de tudo que lhe é estranho, e de que elle fugiria se não tivesse sido ensinado. Se um pescoço de veado, isto é, ás avessas, e umas espadoas relativamente baixas tornam um cavallo propenso a *desboccar-se*, não é menos certo que, fazendo-o *metter de pernas* e flexibilizando-lhe o pescoço, se encontra em condições muito diferentes e que contrariam a sua propensão natural. E como estes, todos os outros defeitos que não sejam compatíveis com os serviços, que os cavallos podem prestar, são susceptíveis de desaparecer um pouco ou de todo logo que se recorra ao ensino racional.

Dissemos que para se combaterem as defezas, com tal ou qual probabilidade de bom exito, era preciso antes de tudo conhecer a origem das resistencias. Repetimol-o ainda, pois estamos convencidos que, sem esta prevenção, muitos cavallos que poderiam continuar a prestar bons serviços, se tornam rebellões e se arruinam, quando forem corrigidos em desarmonia com a causa que os tornou resistentes.

Os cavallos novos, os fracos e os doentes, por exemplo, não podem ser tratados por qualquer falta que commettam pela mesma fórma que o deveriam ser, se a sua idade, forças e saude o permittissem. No mesmo caso está o cavallo ignorante com relação áquelle que tem um bom ensino. O segundo deve ser corrigido de qualquer resistencia, quer dispondo-lhe as forças e o peso de modo a impedir as posições falsas que dão logar ás resistencias, quer vencendo as defezas, que estas originam, por meio do castigo que todavia será applicado com o maior decernimento e sempre em harmonia com as faltas e sensibilidade do animal. Outro tanto não deverá ter logar com o primeiro, que, não sabendo o que se quer exigir d'elle, nem saberá nem poderá obedecer melhor por ter sido castigado.

Quanto aos cavallos novos, fracos e doentes, que commetterem qualquer falta, o melhor correctivo será deixal-os adiantar na idade, dar-lhes forças por meio de uma boa alimentação, tratal-os dos seus achaques esperando que se res-tabeleçam inteiramente. Em seguida uma boa educação fará o resto.

Com relação a todos os outros cavallos e ás suas resistencias proceder-se-ha sempre em harmonia com o que acabamos de expôr.

Ao concluir diremos : que todo aquelle que se prezar de saber ser cavalleiro, deverá sempre levar os cavallos com a maxima cautela e brandura, fazendo antes, e n'isto mostrará o seu talento, por prevenir e evitar as resistencias do que por corrigir e vencer os *resaios* ou defezas em que ellas quasi sempre degeneram.

Guimarães — Janeiro de 1890.

JOSÉ MARTINS DE QUEIROZ.